

Revolução, futebol e imprensa – O 25 de abril e o futebol português nos cartoons do jornal A Bola

Revolution, football and press – The 25 April Revolution and the Portuguese football in the newspaper cartoons of A Bola

Carlos Nolasco

CES-Universidade de Coimbra

email: cmsnolasco@ces.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9932-9222>

Francisco Pinheiro

CEIS20-Universidade de Coimbra

franciscopinheiro72@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5465-9199>

https://doi.org/10.14195/2183-6019_15_8

Resumo:

Analisamos historicamente o futebol e o contexto do jornalismo desportivo português no período revolucionário de 1974, conjugando-o com os cartoons do jornal *A Bola* publicados no ano da Revolução e recolhidos para a exposição “25 de Abril B’Cartoons – Seleção de desenhos de João Martins no jornal *A Bola* de 1974”, organizada pelo Centro de Documentação 25 de Abril. O humor (através do cartoon) é o instrumento de análise da relação sobre política, futebol e imprensa no contexto revolucionário português de 1974.

Palavras-Chave: Futebol; política; imprensa; cartoon; humor.

Abstract:

This article analyzes football and sports journalism in the Portuguese revolutionary period of 1974, by using the cartoons of the newspaper *A Bola*, published in the year of the Revolution and collected for the exhibition “25 de Abril B’Cartoons – Selection of drawings by João Martins in the newspaper *A Bola* de 1974”, organized by the 25 de Abril Documentation Center. Humor (through cartoons) is the instrument for analyzing the relationship between politics, football and the press in the Portuguese revolutionary context.

Keywords: Football; politics; press; cartoon; humor.

A imprensa desportiva manteve, no início da década de 1970, as características da década anterior (cf. Pinheiro, 2011). Foi marcada, entre 1971 e 1974, pelo aparecimento de poucos periódicos desportivos de índole generalista (unicamente três, em Lisboa) e pela hegemonia noticiosa dos jornais de referência, com décadas de implementação, como eram *A Bola*, *Record*, *Mundo Desportivo* e *O Norte Desportivo*. Deste quadro informativo, *A Bola* era o jornal desportivo de maior tiragem, superando os dois outros trissemanários, *Record* e *Mundo Desportivo*. Em julho de 1972, por exemplo, as 14 edições de *A Bola* tiveram uma tiragem total de 1.841.721 exemplares, apresentando dia 24 a tiragem mais elevada, com 159.735 exemplares. Apesar da sua índole noticiosa (de cariz desportivo), em março desse ano, o jornal tinha visto a política (os serviços de Censura) interferir diretamente na Redação, com um dos seus correspondentes, Rebelo de Carvalho, em Londres, a ser declarado desertor (era tenente miliciano e desde 20 de agosto de 1971 que se ausentara ao serviço militar), recebendo a direção de *A Bola*

a indicação que não podia mantê-lo como correspondente.

Para além da ação repressiva da Censura, neste período a imprensa portuguesa sofreu também com o aumento de 50 por cento do preço do papel, com efeitos nocivos em finais de 1973. O *Record*, por exemplo, viu-se forçado a reduzir o número habitual de páginas. Esta crise de papel impediu, igualmente, o aparecimento de novos periódicos desportivos, resumindo-se, em 1973, à conversão da secção desportiva de *O Século* numa publicação diária (fazia parte do jornal e não podia ser vendida separadamente), com o título *O Século Desportivo*. «Sociologia e Desporto» e «A Mulher e o Desporto» seriam duas secções regulares desta publicação, que contou com uma assinalável qualidade fotográfica e ilustração humorística, saindo diariamente até ao 25 de abril de 1974, data em que deixou de publicar-se como suplemento, integrando-se na edição diária de *O Século* – continuou a sair como suplemento autónomo unicamente às segundas-feiras (fazia o rescaldo da intensa atividade desportiva do domingo).

Além da Censura e da crise do papel, os jornais desportivos continuaram também a ser alvo, em 1973, de críticas sistemáticas que os associavam e culpabilizavam pelos distúrbios recorrentes nos campos de futebol e dos ‘males’ do desporto. Os jornalistas desportivos defendiam-se com o argumento que não cabia aos jornais educar o povo português. O trissemanário lisboeta *Mundo Desportivo* de 31 de Janeiro publicou o artigo “A imprensa desportiva e a alienação das massas”, onde afirmava que “em Portugal, quando as pessoas não sabem fazer outra coisa, entretêm-se a criticar a imprensa desportiva”, existindo mesmo quem a preferisse chamar de “imprensa futebolística”. Relativamente à educação do povo português, “não compete só aos jornais limá-la ou dirigi-la”, cabendo sim a “toda a grande tarefa de educar, de instruir, de intelectualizar os povos”. Os jornais “podem formar a opinião do povo, mas não o educam”, uma vez que a “empreitada educacional” devia começar a ser construída nos “bancos da escola primária”, não sendo “missão exclusiva dos jornais desportivos”.

A popularidade da imprensa desportiva assentava fortemente no interesse gerado pelo futebol, numa relação que se mantinha desde as primeiras décadas do século XX. Apesar de estarmos, ainda, num período de hegemonia do SL Benfica (nos anos 70 venceram seis títulos nacionais), a época de 1973-74 seria dominada pelo Sporting CP, que conquistou a “dobradinha” (Campeonato Nacional e Taça de Portugal), assente na figura de um argentino, o goleador Yazalde. Os dois “grandes” rivais lisboetas foram avassaladores nesta temporada, disputando o título nacional até à última jornada e a final da Taça de Portugal. A hegemonia benfiquista manteve-se nos primeiros anos da democracia, alcançando o tricampeonato entre 1975 e 1977, altura em que se iniciou um novo ciclo, com o FC Porto a ganhar uma nova dimensão competitiva.

Momento de viragem

Portugal mudou com o derrube do regime autoritário a 25 de abril de 1974. Momento político de viragem

com fortes implicações políticas e sociais, que obviamente teve os seus efeitos no mundo do desporto e do jornalismo (cf. Rezola & Gomes, 2014). Era o fim da Censura. Dias antes, a 10 de abril, estes serviços haviam atuado sobre o jornal *A Bola*, que viu a coluna de opinião «Hoje jogo eu!», assinada por Carlos Miranda, ser totalmente cortada e impedida de publicar. O teor do texto prendia-se com uma parábola sobre um reino longínquo, em que se fez um concurso para eleger o melhor público de teatro, sendo eleito um público ordeiro e disciplinado, incapaz de criticar (numa clara alusão à sociedade portuguesa). A crónica fechava com uma frase simbólica: “Só que o público de teatro não era assim.”¹

Após a Revolução assistiu-se à saída de alguns jornalistas da Redação de *A Bola* – consequência direta dos saneamentos políticos que ocorreram um pouco por toda a imprensa e sociedade –, como o diretor Silva Resende, assumindo a direção Carlos Miranda, confesso homem

de esquerda. A habitual separação editorial entre política e desporto, nas páginas de *A Bola*, sofreu uma “inversão” (Coelho, 2001: 132) neste período, sendo regulares as análises ideológicas ao papel do desporto, da imprensa e do futebol durante a ditadura.

A exorcização dos atávicos fantasmas fascistas abrangeu igualmente o futebol, dando origem a “uma campanha sem paralelo” de desprestígio social, atirando “com todas as culpas da falência do nosso desporto para o futebol e para cima dos homens que escrevem sobre futebol”. Estas palavras foram proféticas de uma certa narrativa discursiva que se impôs no pós-revolução (perdurando nas décadas seguintes), publicadas na capa do *Mundo Desportivo* de 19 de junho de 1974, no artigo “O futebol e os seus detratores”. O jornal acusava um apresentador desportivo da RTP de andar pelos centros universitários a pedir aos estudantes que dissessem mal do futebol ao serem entrevistados. Quanto à questão da alienação das massas, o periódico foi categórico ao afirmar que “o futebol foi, é e será sempre o grande desporto

¹ Cf. Caixa 265, nos arquivos da Censura do SNI, no ANTT, em Lisboa.

das multidões” e “o futebol, como qualquer outro espetáculo, só aliena as massas quando as massas são, por natureza, fracas de espírito.”

Estas problemáticas do pós-revolução, e em particular sobre o futebol, estariam sob o olhar crítico dos humoristas que colaboravam nos jornais desportivos. Recordemos que a relação entre política e futebol se manteve em 1974 (como viria a suceder no período democrático). O último banho de multidão do presidente do Conselho do governo fascista, Marcelo Caetano, foi precisamente num estádio de futebol (Alvalade), num clássico Sporting-Benfica a 1 de abril de 1974, recebendo a primeira ovação da tarde, estando acompanhado do Ministro do Estado e da Educação Nacional e dos secretários de Estado da Juventude e Desportos e da Instrução e Cultura, assim como dos respetivos presidentes e dirigentes dos dois clubes.

A Revolução do 25 de abril foi numa quinta-feira, mas não impediu o decorrer normal da jornada seguinte do campeonato português de futebol, no domingo 28 de abril. Afetado diretamente foi o Sporting

CP, deslocado à República Democrática Alemã (RDA) para disputar a segunda mão da meia-final da Taça das Taças contra o FC Magdeburgo, a 24 de abril. No regresso, o espaço aéreo português estava encerrado devido ao golpe revolucionário, obrigando a equipa a viajar de avião para Madrid e depois de autocarro para Badajoz, onde deveria entrar pela fronteira. Mas o posto fronteiro estava encerrado, recebendo somente autorização para entrar em Portugal na tarde do dia 26. A imprensa ironizou com o episódio, dando conta que o Sporting CP tinha saído do País em ditadura e regressou em democracia, numa espécie de viagem da RDA para a democracia. A emoção da Revolução aliou-se à emoção do futebol, com Sporting CP e SL Benfica a disputarem o título nacional até à última jornada do Campeonato Nacional da I Divisão de 1973-74, realizada a 20 de maio. Uma jornada que esteve prestes a não realizar-se devido à convocação de uma greve de árbitros, receosos da violência dos adeptos perante o momento decisivo da competição, que apurava campeão nacional e definia

os clubes que desciam da I Divisão. Os árbitros apelaram ao Movimento das Forças Armadas (MFA) para os proteger, o qual recusou, alegando que não podia assumir uma posição de força e ordem contra o povo. A Federação Portuguesa de Futebol (FPF) interveio e apaziguou os receios da arbitragem, garantindo a segurança dos árbitros. O Sporting CP sagrou-se campeão nacional, destacando-se o seu goleador, o argentino Yazalde, com 46 golos em 30 jogos. Poucos dias depois, a 9 de junho, no Estádio Nacional, a equipa leonina fez a “dobradinha”, vencendo a Taça de Portugal ao SL Benfica, perante numeroso público e com presença do recém-empossado presidente da República, António de Spínola. Antes do jogo foi entoada a música “Grândola Vila Morena”, que tinha dado o mote ao início do movimento revolucionário.

O processo democrático iniciado em abril de 1974, assim como a própria descolonização, teriam efeitos no discurso e prática desportiva. Manteve-se o clássico dilema entre a implementação de um modelo de desporto amador e um mais

profissional, entre um mais popular e outro mais elitista. Rejeitou-se, primeiramente, um futebol totalmente mercantilizado, com um mercado de transferências a movimentar milhares de contos e certos salários dos jogadores a serem considerados inaceitáveis tendo em conta as condições sociais e económicas de Portugal em 1974. O próprio Sindicato dos Jogadores de futebol chegou a apelar aos futebolistas para terem outra profissão, acautelando o futuro e valorizando-se profissionalmente. Popularizou-se o conceito do “desporto para todos” e criticou-se a lógica do desporto-espetáculo e o modelo de “mercado” aplicado ao desporto e ao futebol.

Estes dilemas afetariam profundamente os clubes no pós-revolução, como sucedeu com a Associação Académica de Coimbra, cuja Assembleia Magna decidiu em junho de 1974 extinguir a secção de futebol, alegando funcionar num modelo (semi)profissional, ao contrário das restantes secções do clube, totalmente amadoras. A decisão não foi unânime, com muitos sócios a recusarem deixar o futebol de alta competição,

avanzando com a criação do Clube Académico de Coimbra (seria reintegrado no clube em 1984, com o estatuto de organismo autónomo). Problemático foi também o posicionamento do futebol em certas regiões, onde perdeu influência, como no Barreiro, com o fim da hegemonia de CUF e Barreirense. Os clubes (e dirigentes) perderam igualmente poder sobre os futebolistas, terminando situações abusivas dos direitos dos jogadores, que chegavam a ter de pedir autorização aos clubes para poderem casar (o que só podiam fazer no período de férias). Efeitos também em termos das relações internacionais, com o Sindicato dos Treinadores a manifestar a sua oposição à contratação de técnicos estrangeiros, justificando-se com a saída de divisas. Com a revolução chegou também ao fim o tradicional mercado de recrutamento de futebolistas para os principais clubes portugueses: o espaço colonial português, em especial Angola e Moçambique. E abriram-se outros, em especial o Brasil.

É este contexto político, social, desportivo e futebolístico que vai ser retratado na imprensa desportiva

portuguesa em 1974, com *A Bola* a publicar a rubrica “Sr. Poof” pelo cartoonista João Martins², uma referência neste jornal no ano da Revolução. Esta é uma seleção de ilustrações representativas deste ano, conjugando sobretudo um olhar sobre política, sociedade e futebol. A seleção foi realizada a partir da exposição “25 de Abril B’cartoons – Seleção de desenhos de João Martins no jornal *A Bola* de 1974”, organizada pelo Centro de Documentação 25 de Abril (integrante da sua coleção, Arquivo CD25A-UC.).

² Funcionário público, foi fiscal camarário dos jardins de Lisboa. Foi publicitário, decorador de montras e ilustrador em várias publicações. Dedicou-se, mais tarde, ao desenho humorístico, colaborando em *A Bola*, *Parada da Paródia* ou *O Diário*.

Figura 1

Um olhar sobre o 25 de abril, o futebol e os relatos de rádio.

A Bola, 27 abril 1974, nº 4270.



Figura 2

O sentimento de liberdade alargou-se ao espaço público.

A Bola, 11 maio 1974, nº 4275.



Figura 3

Manifestação (em tom irónico) do SL Benfica contra a hegemonia do Sporting em 1973-74. *A Bola*, 23 maio 1974, nº 4280.



Figura 4

Marcelo Caetano (presidente do Conselho) e Américo Tomás (presidente da República) são enviados para o exílio no Brasil, mercado tradicional de recrutamento de futebolistas para os clubes portugueses. *A Bola*, 25 maio 1974, nº 4281.

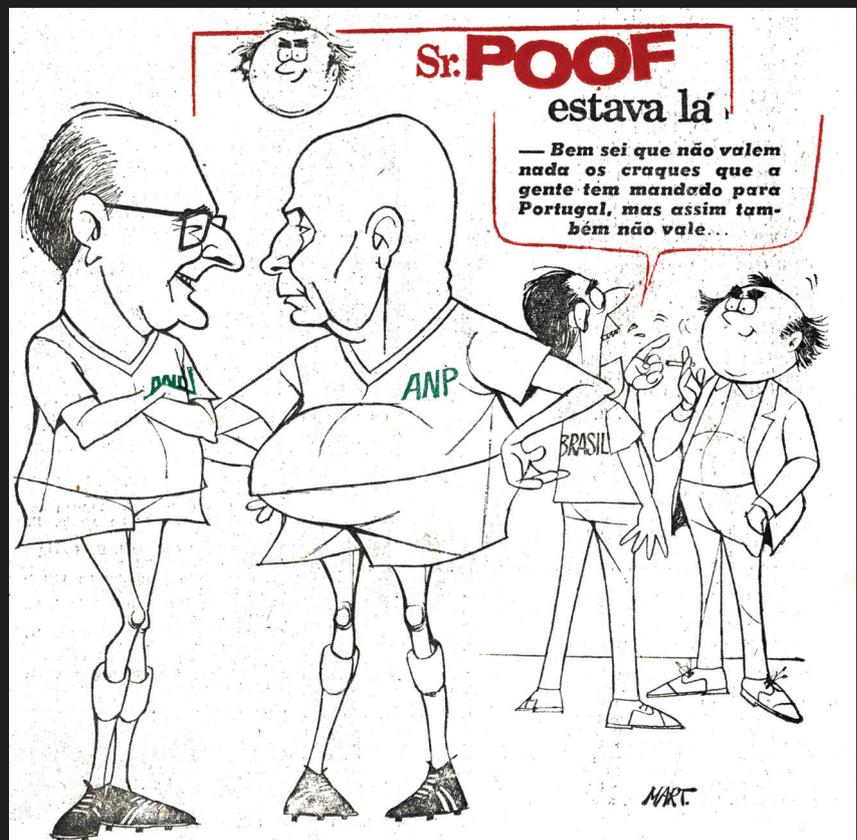


Figura 5

A canção “Grândola Vila Morena”, de José Afonso, foi usada pelo movimento revolucionário. O Olhanense preparava a “tática” (com essa música) para vencer o Sporting CP.

A Bola, 28 maio 1974, nº 4284.



Figura 6

Liberdade de expressão no espaço público contra o fascismo... e a favor do Benfica!

A Bola, 20 junho 1974, nº 4292.



Figura 7

Criação de novos partidos políticos, como o PPM-Partido Popular Monárquico. Eusébio era ainda o “rei” do futebol português.

A *Bola*, junho 1974. n.º 4298



Figura 8

A Associação Académica de Coimbra extinguiu a secção de futebol profissional, dando lugar ao surgimento do Clube Académico de Coimbra.

A *Bola*, 22 agosto 1974, n.º 4318.



Figura 9

Fim da ditadura e da presença das grandes figuras do fascismo nos campos de futebol.

A Bola, 5 setembro 1974, nº 4324.



Figura 10

Populariza-se a ideia de democratização do “desporto de massas”.

A Bola, 7 outubro 1974, nº 4339.

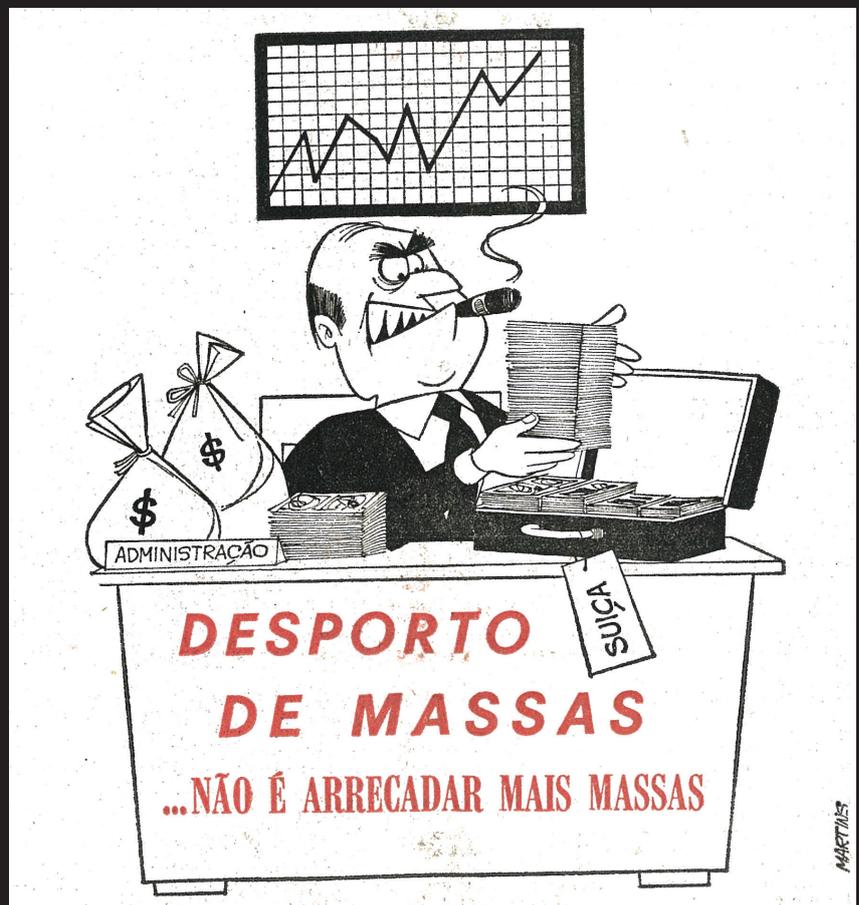


Figura 11

Preocupação norte-americana (CIA) com o movimento comunista em Portugal (simbolizado pela bandeira vermelha, também a cor do SL Benfica) no período pós-revolucionário.

A Bola, 7 novembro 1974, nº 4352.



Figura 12

Alusão ao período económico conturbado, com os banqueiros a serem acusados de "sabotagem económica" ao regime democrático.

A Bola, 30 dezembro 1974, nº 4373.



Referências bibliográficas

- Azevedo, C. (1999). *A censura de Salazar e Marcelo Caetano*. Editorial Caminho.
- Biblioteca Nacional (2004). *Desportos & Letras*. BN.
- Coelho, J. N. (2001). *Portugal, a equipa de todos nós – Nacionalismo, futebol e media*. Edições Afrontamento.
- Coelho, J. N., & Pinheiro, F. (2002). *A paixão do povo: História do futebol em Portugal*. Edições Afrontamento.
- Domingos, N., & Kumar, R. (2006). A grande narrativa futebolística. In D. R. Curto (Ed.), *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX* (pp. 575-638). Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação Para a Ciência e a Tecnologia.
- Ferreira, J. M. (2001). Portugal em transe (1974-1985). In J. Mattoso (Ed.), *História de Portugal, vol. 8*. Editorial Estampa.
- Kumar, R. (2004). Da bancada aos sofás da Europa: Apontamentos sobre os media e o futebol no século XX português. In J. Neves & N. Domingos (Eds.), *A época do futebol: O jogo visto pelas ciências sociais* (pp. 231-262). Assírio & Alvim.
- Pinheiro, F. (2011). *História da imprensa desportiva em Portugal*. Afrontamento.
- Rezola, M. I., & Gomes, P. M. (2014). *A revolução nos media*. Tinta da China.
- Tevez, V. H. (2007). *RTP 50 anos de história (1957-2007)*. Ed. RTP.